

O que é favela?

Artigo de Jailson de Souza aprofunda o debate sobre a favela
Pág. 13

Reassentamento ou remoção?



Maclaren deve mesmo acabar
Pág. 10

Comunidade

O que há de novo e de melhor no Parque Maré
Pág. 3

Carta ao presidente

Conto do leitor Sérgio Franco
Pág. 8 e 9

Por dentro da Maré

Serviços cidadãos, acesso à justiça, site da Maré e muito mais
Pág. 11 e 12

Programe-se!



Programação Pág. 15

Criançada à solta

Ensaio em homenagem aos 20 anos de Estatuto da Criança e do Adolescente
Pág. 16



Rosilene Milicetti

Cadê a favela que estava aqui?

Desvendamos o segredo do milagre das ex-favelas

Embora a Maré seja um bairro formado por 16 comunidades, cinco delas deixaram de ser classificadas oficialmente como favelas. Nada de novo ocorreu nas localidades atingidas. Trata-se de uma mudança de “classificação”, também decidida sobre outras 433 favelas da cidade. Justificativa: a disponibilidade de serviços públicos nestes locais. A decisão não considera a qualidade dos serviços oferecidos, mas poderá servir para que o atual prefeito apareça nas estatísticas como o gestor que mais “diminuiu” a quantidade de favelas do Rio. **Pág 6 e 7**



O Maré de Notícias tem um ESPAÇO ABERTO para você. Participe! **Pág. 8 e 9**

Chega de descaso

Para resolver, de verdade, a maior parte dos alagamentos e entupimentos nas ruas da Maré é necessário conectar o sistema de esgoto das comunidades à Estação de Tratamento de Alegria, no Caju. E não basta interligar casas e empresas da Maré, porque o Canal do Cunha recebe esgoto de diversas comunidades da

zona norte, como Manguinhos, Alemão e Jacarezinho. Sabendo que a solução precisa abranger todas as favelas da região, moradores tentam participar do Comitê da Bacia Hidrográfica da Baía de Guanabara. A obra de ligação cabe à Cedae, empresa do governo do estado. **Pág 4 e 5**

Leitura, diversão e arte

Bibliotecas espalhadas em vários pontos da Maré oferecem um vasto acervo de livros para todos os gostos. Em julho, foi inaugurada a primeira biblioteca infantil do bairro, que faz parte do novo espaço de leitura da Redes. Nesta edição, fizemos ma relação de bibliotecas para você desfrutar. **Pág. 14 e 15**



Elisângela Leite

A manipulação dos números

Muitos dados estatísticos são utilizados para “medir” o grau de “desenvolvimento” dos países e também dos municípios, servindo para comparar lugares. Divulgadas pela mídia, essas comparações ganham credibilidade. Assim, municípios e países melhor colocados em determinada estatística ganham notoriedade. Mas os números não dizem tudo e – o pior – podem ser manipulados.

É o que vem à cabeça com a mudança de definição de favelas no Rio de Janeiro. Para muita gente, a diminuição do número de favelas deve ser uma “boa notícia”, o que carrega um tanto de “pré-conceito” (escrito assim para lembrar a origem desta palavra). Afinal, nas estatísticas, os municípios com percentuais mais elevados de moradores vivendo em favelas não aparecem bem na fita.

Visando contribuir com o debate aqui na Maré, escolhemos esse tema para reportagem principal desta edição (leia nas pág. 6 e 7) e do artigo (pág. 13). Afinal, as comunidades do bairro, embora tenham serviços públicos, ainda não oferecem a qualidade de vida que todos os brasileiros merecem.

Mas é bom que fique claro: também não identificamos problema com o termo “favela” ou “favelado”. O que a população deseja são serviços de verdade, o que ainda não existe, a exemplo do tratamento do esgoto, conforme se verá nas páginas 4 e 5.

Mas este número do jornal traz muito mais. Nas pág. 14 e 15, por exemplo, há uma relação de bibliotecas do bairro, onde é possível ter acesso a livros infantis, técnicos e literatura variada.

Desejamos a todos, boas leituras!

Carta

Skate: emoção e arte

A Escolinha Skatemaré, localizada nesta cidade, na Rua Praia de Inhaúma, ao longo do viaduto da Linha Amarela (próximo ao Ciep Vicente Mariano), é uma entidade sem fins lucrativos que, há dois anos, atua na cidadania e socialização de jovens e adultos da comunidade da Maré. Gostaríamos de solicitar a doação de espaço ao longo do viaduto da Linha para construção do Skate Park, com aparelhos para a terceira idade. Assim poderemos atender a toda comunidade. Será de grande valia para a entidade Skatemaré e para todos da favela.

Salientamos que toda contribuição será bem-vinda, e desde já agradecemos seu apoio, fundamental para o sucesso deste trabalho. Obs.: Em breve com sede própria no local.

Na oportunidade, aproveitamos para apresentar a Vossa Senhoria os protestos de estima e consideração.

Atenciosamente, skatemare@gmail.com

Maré de leitores



Foto: Elisângela Leite

A leitora do *Maré de Notícias*, Sueli Gomes de Freitas, mais conhecida como dona Neném, diz que gosta muito de ler e de reler o jornal. Para ela, o jornal é importante porque conta o que a comunidade precisa, as oportunidades, como proceder em determinadas situações, além de dar chance para que os moradores falem e contem suas histórias. “Uma das coisas que mais gosto no jornal são as histórias de vida dos moradores, mas seria bom ter mais contato com as pessoas que fazem o jornal”, sugere.

Moradora da comunidade Nova Holanda, dona Neném destaca que não troca a Maré por nada. “Aqui temos tudo o que precisamos, até jornal, mas ainda falta uma agência bancária, uma agência dos Correios e mais lotéricas, já que a única que existe vive cheia”, opina.



Parque Maré: Cheio de vida aos 60

Rosilene Ricardo Elisângela Leite



O Parque Maré é uma das comunidades mais antigas da Maré. As primeiras palafitas e barracos foram construídos no início da década de 1950, na área de mangue mais próxima à Avenida Brasil. Já quase na década de 1960 surgia a hoje tão famosa Rua Teixeira Ribeiro, conhecida por seu farto comércio.

Algumas comunidades da Maré foram projetadas, como o Conjunto Esperança e a Vila do João. Outras, como o Parque Maré, foram sendo ocupadas por trabalhadores, fruto da falta de uma política pública na área da habitação. O Parque Maré possui em torno de 45 vielas, becos e ruas, conforme nos conta o presidente da Associação de Moradores da comunidade, José Carlos Gomes Barbosa que, com quase meio século de vida, pode acompanhar de perto o crescimento desse território.

Segundo ele, o Parque da Maré abrange do Campo da Paty, que é uma das áreas de lazer da comunidade, até a Rua Evanildo Alves. Ele diz que antes de a Nova Holanda surgir, já existia o campo. E brinca com a pergunta: A Paty é da Nova Holanda ou do Parque Maré? Sem querer polemizar, ele mesmo responde: O campo é das duas.

Moradores de algumas ruas sofrem com os vazamentos de esgoto e a falta de luz. Carlinhos, como é conhecido, aponta a Rua João Pessoa como a que apresenta mais problemas a serem resolvidos urgentemente pelo poder público. “Quando chove o esgoto transborda; a rua se torna um grande lago. Até um governante colocou as manilhas aqui na rua, há mais de um ano, mas elas não foram instaladas e só servem para acumular lixo e ratos”, desabafa.

Ele destaca ainda que a Teixeira Ribeiro precisa de asfalto novo, já que o tráfego local é muito grande. “Nós precisamos de atenção do poder público para conseguir melhorar o calçamento e a iluminação da Teixeira”, explica.

A Rua 7 de Setembro, por sua vez, é apontada como modelo, pois está asfaltada e bem organizada. “Gostaria que pudéssemos conseguir que todas as ruas fossem como esta”, ressalta Carlinhos.

A comunidade possui muitos atrativos e serviços públicos e privados, entre eles, dois Cieps (Samora Machel e Hélio Smidt); um campo de esportes, o da Paty, e uma quadra ao lado do Samora. Dentro deste Ciep há uma horta comunitária.

Além disso, a própria Teixeira Ribeiro oferece restaurantes, supermercados, lojas variadas, artigos nordestinos, incluindo a famosa carne de sol, um pequeno centro comercial chamado pelos moradores de “shoppinho” e um cinema. O CinePop, projeto que existe há três anos, atende escolas e o público em geral, atraindo até 150 pessoas por sessão. Houve ainda por muito tempo o projeto Reabilitar Maré, uma iniciativa de reabilitação com fisioterapia, psicologia, serviço social, entre outras nesse segmento, que no momento está fechado por falta de patrocínio.



Associação de Moradores do Parque Maré:

Rua Rua Flávia Farnese, nº45 - Tel: 3105-6930 - josecarlosmare@yahoo.com.br - De segunda a sexta-feira, de 9h às 17h

ERRAMOS: A autoria da matéria “Novos horizontes no Parque União” (pág. 4, ed. nº 18, junho de 2011) é de Rosilene Ricardo.

Expediente	Amigos do Conjunto Esperança Associação de Moradores do Conjunto Marçilio Dias	da Maré - Carminha Rosa Conexão G	Fotógrafas Elisângela Leite Rosilene Millotti	Tiragem 35.000
Instituição Proponente Redes de Desenvolvimento da Maré	Associação de Moradores do Conjunto Pinheiros	Conjunto Habitacional Nova Maré	Ilustrador Felipe Reis	Redes de Desenvolvimento da Maré Rua Sargento Silva Nunes, 1012, Nova Holanda / Maré CEP: 21044-242 (21) 3104.3276 (21)3105.5531 www.redesdamare.org.br comunicacao@redesdamare.org.br Os artigos assinados não representam a opinião do jornal.
Diretoria Andréia Martins Eblin Joseph Farage Eliana Sousa Silva Edson Diniz da Nóbrega Júnior Fernanda Gomes da Silva (licenciada) Helena Edir Patrícia Sales Vianna Shyrei Rosendo	Associação de Moradores do Morro do Timbau	Conselho de Moradores da Vila dos Pinheiros	Projeto gráfico e diagramação Pablo Ramos	Parceiros
Instituição Parceira Observatório de Favelas	Associação de Moradores do Parque Ecológico	Luta pela Paz	Logotipo Monica Soffiatti	
Apoio Ação Comunitária do Brasil	Associação de Moradores do Parque Habitacional da Praia de Ramos	União de Defesa e Melhoramentos do Parque Proletário da Baixa do Sapateiro	Colaboradores Anabela Paiva, Aydano André Mota, Flávia Oliveira, Jailson de Souza e Silva Luciana Bento Observatório de Favelas Thiago Ansel	
Administração do Piscinão de Ramos	Associação de Moradores do Parque Maré	União Esportiva Vila Olímpica da Maré	Impressão News Technology Gráfica Editora Ltda.	
Associação Comunitária Roquete Pinto	Associação de Moradores do Parque Rubens Vaz	Editora executiva e jornalista responsável Sílvia Noronha (Mtb - 14.786/RJ)		
Associação de Moradores e Amigos do Conjunto Bento Ribeiro Dantas	Associação de Moradores do Parque União	Repórteres e redatores Hélio Euclides (Mtb - 29919/RJ) Rosilene Millotti Rosilene Ricardo (Estagiária)		
Associação dos Moradores e	Associação de Moradores da Vila do João			
	Associação Pró-Desenvolvimento da Comunidade de Nova Holanda Biblioteca Comunitária Néida Pinon			
	Centro de Referência de Mulheres			

Chega de descaso

Moradores da zona norte se unem em busca do saneamento da sub-bacia do Canal do Cunha e querem participar da gestão dos rios que desaguam na Baía.

Nº 19 - Junho / 2011

Hélio Euclides, Rosilene Ricardo e Sílvia Noronha

Moradores e entidades de vários bairros da zona norte do Rio de Janeiro, como Maré, Vila Residencial da UFRJ, Manguinhos, Alemão e Jacarezinho, estão se unindo para ter representação no Comitê da Bacia Hidrográfica da Baía de Guanabara, além de criar o Sub-Comitê do Cunha, para que a população participe da gestão das águas.

O I Encontro de Articulação do Comitê dos Rios, com o lema "Unindo as Comunidades pela Sub-Bacia do Cunha", aconteceu em 11 de junho na Escola Politécnica da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em Manguinhos, com a presença de 98 pessoas. "É um diálogo reflexivo para buscar políticas públicas e sustentabilidade da saúde pública", explica o engenheiro sanitário Alexandre Pessoa, professor pesquisador da Escola Politécnica da Clínica de Saúde Joaquim Venâncio, da Fiocruz.

O grupo debateu como gerenciar o uso dos recursos hídricos de forma integrada e descentralizada, com a participação da sociedade. Para fortalecer o movimento, os próximos encontros serão itinerantes para que todas as comunidades do entorno do Canal do Cunha participem.

Membro da Cooperação Social da Fiocruz, Leonardo Brasil destacou a importância da articulação do grupo, a possibilidade do diálogo com o poder público e a luta por reivindicações históricas. Fernando

Soares, coordenador do Laboratório de Direitos Humanos de Manguinhos, da Rede Centro de Cooperação e Atividades Populares, observou que o encontro fez a comunidade perceber que é protagonista da história.

O Comitê da Baía de Guanabara, denominado RHV, previsto por decreto do governo do estado, está sendo montado neste momento. Será composto por 45 membros com direito a voto, sendo 15 usuários da água, 15 representantes da sociedade civil e 15 do poder público. O grupo reunido na Fiocruz se articula para ter representação no Comitê.

Em entrevista ao Maré de Notícias, Alexandre Pessoa explicou como a qualidade das águas do canal afeta a vida dos moradores.



Sílvia Noronha

O que é uma sub-bacia?

As sub-bacias contribuem para constituir uma **bacia hidrográfica**, que é um espaço que compreende a área de influência de um curso d'água.

A sub-bacia do Cunha, por exemplo, é uma parte da bacia hidrográfica da Baía de Guanabara, porque o canal desemboca na Baía. A sub-bacia ganha o nome da última contribuição, que é o Canal do Cunha – um canal artificial constituído a partir dos aterros que foram feitos na enseada de Inhaúma.

E por que a Maré sofre tanto com enchentes?

Porque a Maré tem uma rede de esgotos fragmentada, que não está devidamente conectada à Estação de Tratamento de Alegria – a exemplo da Ilha do Fundão e de Manguinhos. Esses trechos de rede só atendem ao objetivo imediato de afastar o esgoto da casa das pessoas, mas acabam desembocando e lançando esgoto nos canais e nos rios próximos, contaminando e poluindo os corpos hídricos. Essas redes contribuem com um risco sanitário de contrair doenças, e um risco ambiental, pois crescem as chances de inundações, porque os resíduos sólidos vão se depositando nas calhas dos rios, onde as águas devem passar. Se gradualmente os sólidos vão se depositando, quando vêm as chuvas, esse rio transborda. Ao longo da sub-bacia do Cunha há verdadeiros bancos de lodo que vão se depositando fazendo um represamento da água. Por isso nas grandes chuvas esses sedimentos represam as águas, deixando as comunidades submersas por horas, acima até de um metro de altura.

Em algum ponto isso é mais grave?

Não. Na verdade, depende da localização dessas comunidades e o problema afeta não só as habitações existentes, como também as novas, construídas pelo PAC. Por isso é fundamental fazer uma urbanização adequada e com qualidade, obedecendo a critérios técnicos de engenharia e de drenagem. As pessoas que vivem nessas áreas sabem que de tempos em tempos elas perdem tudo e têm que começar o processo do zero, o que compromete sistematicamente a renda das comunidades.

Que tipo de problemas a falta de saneamento causa a essas comunidades?

A água é uma das principais fontes de doenças infectocontagiosas: de pele, diarreia, hepatite, leptospirose, além de problemas respiratórios, já que o excesso de umidade nas casas desenvolve processos alérgicos e até tuberculose. As crianças são as mais afetadas. É preciso religar as redes coletoras de esgoto em coletores tronco, que são encaminhados para a estação de tratamento, como previsto no Programa de Despoluição da Baía de Guanabara.

Se estava previsto, por que não aconteceu?

Os coletores tronco são as grandes veias responsáveis por coletar as redes menores dos bairros, mas não foram executadas pelo Programa. Isso deu até uma CPI, pois os recursos foram liberados, mas as benfeitorias não foram executadas, tanto no que tange à despoluição de Baía de Guanabara quanto ao saneamento das regiões. Mas os coletores-tronco foram atendidos nos bairros de classe média, como na Tijuca, o que não ocorreu nas comunidades de baixa renda, como na Maré. Essa diferenciação é muito perversa. Segundo critérios científicos, as comunidades de baixa renda deveriam ser priorizadas, já que possuem maior concentração populacional, o que aumenta a vulnerabilidade socioambiental. Além disso, essas comunidades têm menos condições financeiras e de atenção da saúde para se reabilitarem. A falta de saneamento impede o desenvolvimento dessas comunidades.

A Cedae não é o órgão responsável pelo saneamento?

Desde o fim do mandato do prefeito Cesar Maia, nas comunidades de baixa renda essa responsabilidade

passou para a Prefeitura, que assume publicamente não ter condições operacionais, gerenciais e financeiras para promover a devida operação e manutenção do sistema. Isso vem obrigando as comunidades a fazerem manifestações para conseguirem obras emergenciais do poder público, mas são paliativos que não alteram as condições do território.

Se todas as comunidades contribuem com o esgoto, a solução então precisa ser integrada...

Essa é a grande contribuição do debate que as comunidades estão fazendo ao formar este comitê do rio. Como os rios integram geograficamente os territórios, essa equação perpassa por várias comunidades, envolvendo problemas semelhantes, por isso a solução deve ser comum, uma solução coletiva. A Lei de Recursos Hídricos estabelece e orienta o estabelecimento de Comitês de bacia. Cabe ao poder público, inclusive, fomentar, dar a formação desses comitês. Só que a comunidade não pode esperar, por isso os movimentos sociais criaram o comitê. Esperamos contar com o apoio do poder público para que esse comitê possa, formalmente, legalmente, estabelecer as suas prioridades, a partir das necessidades concretas do território e exigir o direito de se ter um ambiente saudável.

Os comitês de bacias hidrográficas são colegiados instituídos por lei, no âmbito do Sistema Nacional de Recursos Hídricos e dos Sistemas Estaduais.

Considerados a base da gestão participativa e integrada da água, têm papel deliberativo e são compostos por representantes do Poder Público, da sociedade civil e de usuários de água e podem ser oficialmente instalados em águas de domínio da União e dos Estados.

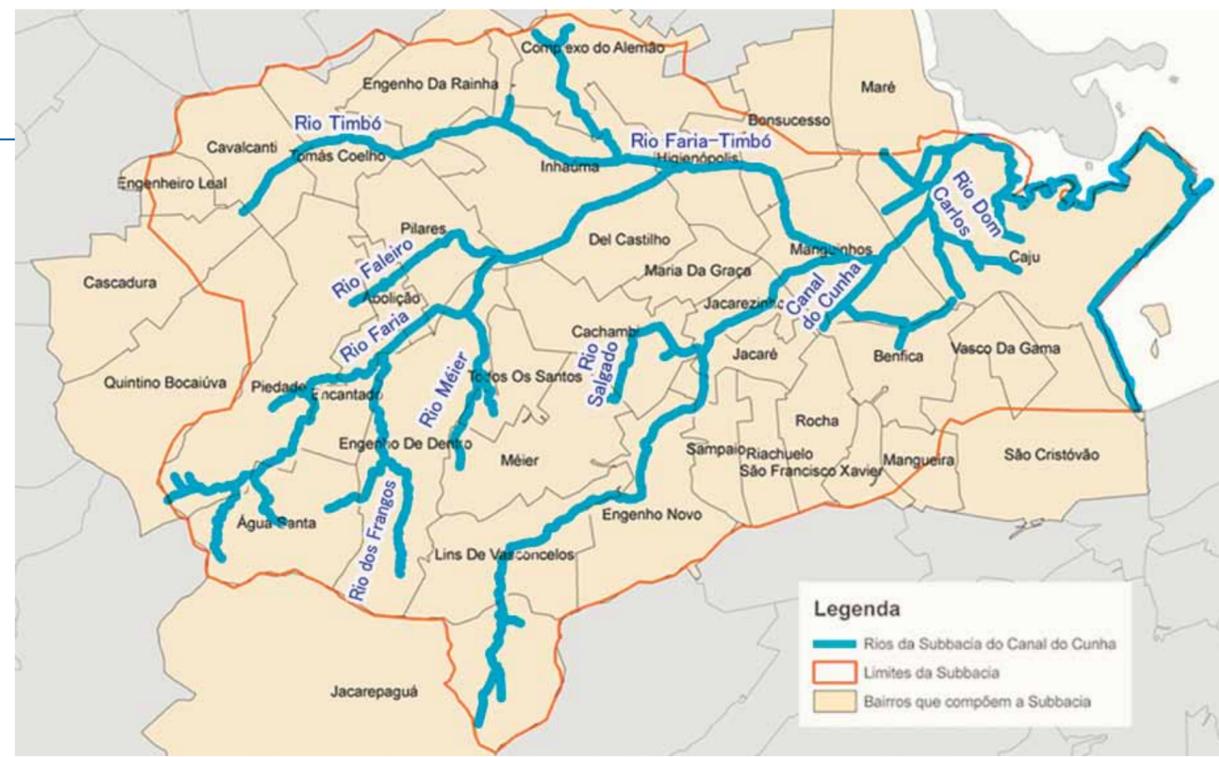
Existem comitês federais e comitês de bacias de rios estaduais, definidos por sistemas e leis específicas.

(Fonte: Rede das Águas - www.rededasaguas.org.br)

Para se engajar na luta, envie e-mail para: Alexandre Pessoa (apessoa@fiocruz.br); ou Edson Gomes (edsonverdejar@gmail.com).



Hélio Euclides



Fonte: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos – IPP (2008).

A invenção das “EX-FAVELAS”

De acordo com o critério oficial, o Rio deixou de ter 44 favelas. Elas não desapareceram, apenas mudaram de nome.

Thiago Ansel / Observatório de Favelas

O Rio de Janeiro passou a ter menos 44 favelas. De acordo com as contas oficiais, desde agosto de 2010, a quantidade de favelas da cidade despenca. Para se ter ideia do tamanho da queda, em todo o município, o número de favelas foi de 1.020 para 582, em apenas dez meses. Os dados são do Instituto Pereira Passos (IPP), órgão da Prefeitura do Rio de Janeiro responsável pela produção de estatísticas.

Mas as 438 favelas a menos não sumiram da noite para o dia. Mesmo a recente febre de remoções em nome das obras da Copa e das Olimpíadas não teria sido capaz de varrer do mapa tantas favelas em tão pouco tempo. Tudo indica que muitas destas 438 comunidades “desaparecidas”, na verdade, apenas deixaram de fazer parte dos cálculos da Prefeitura. Isso mesmo: não são mais contadas como favelas.

Os últimos 44 locais que deixaram de ser assim classificados passaram a se chamar oficialmente “comunidades urbanizadas”. A mudança foi feita a partir de dados fornecidos pelo IPP e pela Secretaria Municipal de Habitação (SMH). O critério básico adotado para a troca de nome foi a quantidade de serviços urbanos disponíveis nesses locais - que seria similar àquela fornecida em outros bairros da cidade, segundo o IPP e a SMH.

“Ex-favelas” para quê?

A mudança não é apenas na palavra. Transformar favelas em “comunidades urbanizadas” é o mesmo que dizer que favela é ruim e “comunidade urbanizada” é melhor. Ou seja, é uma declaração oficial de que favela é, por definição, todo o local onde faltam serviços públicos como coleta de lixo, saneamento básico e abastecimento de água.

Para o historiador e professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), Marcos Alvito, nem a troca no nome e nem quantidade de serviços mudam o que a favela é. “Por mais que o Estado implemente serviços na favela, ela continuará a ser diferente. Melhor do que tentar tapar o sol com a peneira seria tornar o termo favela positivo, mostrando

a história de luta de seus moradores, que é uma história de superação. Daqui há 100 ou 200 anos eu acharia interessante que estes espaços continuassem a ser chamados de favelas. O nome carrega uma história”, sugere.

Para explicar melhor o que diz, Alvito cita o que aconteceu com o termo “gafieira” que, na virada do século XIX para o XX, se referia ao espaço onde pessoas da classe pobre se reuniam para dançar e se divertir. “Nessa época, as pessoas diziam que gafieira era o lugar onde se cometiam gafes, lugar da falta de educação. Hoje, o termo que era negativo se tornou positivo. O mesmo pode acontecer com ‘favela’, conta o historiador, mostrando como uma palavra pode mudar de significado com o tempo.

Na Maré foram seis as comunidades declaradas “urbanizadas” pela Prefeitura: Baixa do Sapateiro, Parque Maré, Nova Holanda, Parque Rubens Vaz, Parque União e Timbau. Moradora da Nova Holanda há 42 anos, a cabeleireira Elzina Pereira da Silva, a Elzinha, diz não se importar com o fato de o lugar onde vive ser chamado de favela. “Eu tenho orgulho de onde moro, porque eu me fiz Elzinha aqui dentro da Nova Holanda e hoje sou uma pessoa bem conceituada profissionalmente. Clientes ‘chiquerésimas’ frequentam meu salão. Inclusive, até uma juíza faz o cabelo aqui. Eu sou feliz aqui e não tenho vergonha nenhuma de morar nesse lugar. Pelo contrário!”, afirma Elzinha.

A pedagoga Aline Borges Miranda, de 26 anos, tem uma opinião bem parecida com a da cabeleireira. Filha de migrantes nordestinos que vieram para o Rio de Janeiro em busca de emprego, Aline mora na Nova Holanda desde que nasceu e diz não ter problema algum com o termo favela. “Eu não tenho vergonha de dizer que moro na Maré. Na universidade eu sempre disse. Quando me perguntam, eu sempre digo. Tenho orgulho de ser favelada e nenhuma vontade de sair daqui”, diz a pedagoga.

Mas oficialmente... o que é favela?

A pergunta foi feita para o próprio IPP, realizador da recontagem que deu origem às novas 44 “comunidades urbanizadas”. A assessoria de comunicação do instituto informou que, na verdade, o estudo com a nova classificação não foi divulgado para o grande público. As informações dadas

sobre as chamadas “ex-favelas” foram conseguidas a partir de entrevistas com representantes do órgão. Ainda de acordo com a assessoria, a divulgação oficial da nova classificação será feita após a atualização do Sistema de Assentamentos de Baixa Renda (Sabren), ainda sem data prevista.

No ano passado, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) publicou a pesquisa “Desigualdade e favelas cariocas: a cidade partida está se integrando?”. O estudo, apoiado pelo IPP, define o que é favela com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) e do Censo Demográfico, do IBGE. Foram analisadas as situações de renda, trabalho e condições gerais de vida em locais como o Complexo do Alemão, Jacarezinho, Rocinha, Cidade de Deus e Maré.

O coordenador da pesquisa, o economista do Centro de Políticas Sociais da FGV, Marcelo Cortes Neri, afirma que a grande diferença entre favela e asfalto é a presença do Estado na educação, saúde, além de outros aspectos marcantes como a desigualdade na transferência de renda.

Neri, entretanto, chama atenção para a maneira como o instrumento oficial de identificação dos espaços da cidade pode influir diretamente na quantidade de favelas existentes em cada região. “Em São Gonçalo, por exemplo, quase não há favelas, de acordo com as classificações oficiais. Isso não quer dizer, necessariamente, que lá haja poucas favelas, mas pode indicar que no município do Rio o instrumento utilizado encontra muito mais favelas do que em São Gonçalo”, esclarece. Desta vez o critério oficial usado pelo IPP para dizer o que é ou não favela passa pela presença dos serviços públicos e pelo grau de urbanização em cada local.

De acordo com o fotógrafo Francisco Valdean, morador de uma das ex-favelas da Maré, a Baixa do Sapateiro, esse critério não se sustenta quando confrontado com a realidade das comunidades. “Segundo o critério atual da Prefeitura, quase todas as favelas deixariam de ser favelas. Na minha rua o esgoto entope e quem desentope são os moradores. Então, serviço de esgoto tem, mas não é o ideal. Se considerássemos situações como essa para avaliar o que é favela, muitas delas poderiam deixar de existir de uma cajadada só, já que várias contam com serviços públicos”, diz o agora “ex-favelado” Valdean.



Marcos Alvito,
professor da UFF

Carta ao Presidente

Um conto de Sergio Franco, leitor do Maré de Notícias

Doze semanas haviam passado. A carta – com certeza – chegara ao seu destino: às mãos do Presidente da República. Uma casinha! Era tudo o que ela esperava. Podia ser em Santa Cruz, Campo Grande ou Marechal; desde que deixasse o Catumbi e esquecesse aquele abandono. No caso de não haver resposta do Excelentíssimo Senhor Presidente, restava-lhe uma única alternativa: um voo pela FAB para Pernambuco, que lhe conseguiria, sem dúvida, o Irmão mais novo. O Cabo Piaba. Tão bonzinho, quantas vezes saía da base aérea mais gordo do que de costume. Por baixo da gandola enrolava-se em carne, leite e pão para os sobrinhos.

Sua Excelência haveria de respondê-la. Deus é justo, não iria lhe faltar. Afinal de contas tinha três filhos, nenhuma renda e não podia ficar naquela situação: abandonada numa vila de casinhas amarelas no bairro do Catumbi. Não era uma qualquer na vida; tinha um berço, uma família da mais alta linhagem genealógica. Descendia de portugueses e ingleses, a família Botelho de Arruda, que viera ao Brasil para fundar uma ferrovia, a primeira do nordeste brasileiro: a Greet West. Seu pai, um herói da Guerra de Canudos, um oficial do Exército.

Caminhava, com o filho pela mão, da Marquês de Sapucaí à Av. Presidente Vargas, na esperança de que algum comunicado do Governo a esperasse... Era então avisada pelo amigo Major Vasconcelos de que não havia resposta e outra carta teria que ser transcrita para a sua caligrafia e enviada à Presidência. Fora assim que ficara familiarizada com os termos de tratamento para com uma autoridade: Vossa Excelência, na presença, sua excelência, na ausência etc.

Esse episódio se repetiria por longos sete meses. Dona Miné, sua amiga, comadre e vizinha da pequena vila residencial, tentava persuadi-la: "Comadre, desiste, o Presidente da República tem todos os problemas do Brasil para resolver, como é que ele vai te dar uma casa pra viver aqui no Rio, volta pro Norte, lá tua família vai te ajudar..."

Por vezes abandonava a esperança e mergulhava em um outro sonho milagroso.

— Dona Miné! Tive um sonho esta noite de dar medo. Sonhei com um bicho chifrudo que sentava à beira da minha cama e me falava: "Queres melhorar a tua sorte? Joga 3986". Não tenho dinheiro, mas não queria perder o palpite.

A negra senhora levantava-se com dificuldade da espreguiçadeira, abria a gaveta do bufê e conseguia o dinheiro para que o jogo fosse realizado. Repetiu isso por dois dias, no terceiro, já envergonhada, desistira de sondá-la. Na manhã do quarto dia entrou na casa número dez com o resultado na mão e os olhos em lágrimas...

— Deu tudo, Miné, o número todo, na cabeça!

Retornava assim ao sonho da casa própria. Seria uma casinha simples, pequena; o importante era ter dois quartos. Os meninos já estavam crescidos, precisavam dormir sozinhos. A menina, sua companheira e confidente, dormiria com ela. Uma casa de alvenaria, com quintal aonde cultivaria hortaliças. E tem mais! Com + um tanque para lavar roupas no alpendre. Todas as casas costumavam ser iguazinhas nos projetos habitacionais do Governo, com sorte receberia uma de esquina, cujo terreno seria maior... Não muito longe da estação.

Na próxima semana iria procurar pelo major Vasconcelos!

Quem sabe já não haveria uma resposta do Governo? Quantas vezes saía do Quartel General cantarolando marchinhas antigas para esquecer as mazelas da vida:

"Parece um para-para-para paraíso"

Rodando no meio do salão

Parece um para-para-para paraíso"

Quando ela chega com o pandeiro na mão"

Ainda que alimentasse viva a sua mera esperança de continuar no

Rio de Janeiro, a terra de seus três queridos filhos, entristecia-se com a possibilidade de ter que voltar para o Norte. Pelo seu sotaque já bastante acariocado seria alvo de chacotas por parte dos familiares, ademais não se acostumaría mais com aqueles paus-de-arara!

Amanhã era domingo, levaria as crianças à Quinta da Boa Vista, na volta talvez desse para dar uma passadinha na dona Vivi. Aquela espírita que tanto a orientava na vida. Também pediria uma ajuda aos guias para uma pronta resposta do Governo Federal com relação à sua casinha!

A médium chacoalhava uma espécie de amêndoa seca, que produzia um barulhinho de maracá, e falava numa voz que não era a sua.

— Minha filha! Este aqui vai te dar muita ajuda em dinheiro, a menina uma grande ajuda espiritual. O outro é muito pequeno, de modo que não dá pra saber ainda!

Após receber alguns passes e ervas para banho de descarrego da velha espírita, voltava para casa renovada em esperanças de receber a casinha dada pelo Presidente da República. A cerimônia seria no Palácio do Governo: receberia as chaves das mãos do próprio Presidente, seria conhecida pelo resto do Brasil e talvez até conseguisse um emprego de funcionária pública. Era apenas um Presidente ajudando uma brasileira desamparada, nem de longe aquilo se pareceria com corrupção ou roubalheira. Não abalaria em nada a popularidade do Excelentíssimo Senhor Presidente. Quem quisesse que fizesse o mesmo: escrevesse ao Presidente.

Cantarolava as suas marchinhas, sempre que se sentia bem e esperançosa com a vida:

"Oh seu Romeu / Que sorte a sua / Casar com uma mulher / Que acha tudo pela rua / Na Rua Uruguaiana / Achou uma geladeira / Em Copacabana / Um casaco de veludo / Na Praça Mauá / Achou um cadilac / Com chofer e tudo"

espaço **BERTO**

Participe desta página!

Esta seção é para você, leitor, mostrar a todos a sua arte: fotografia, ilustração, grafite, poesia, crônica...

O importante é participar!

Rua Sargento Silva Nunes, 1012 – Nova Holanda
comunicacao@redesdamare.org.br

— Major, não é melhor eu enviar a carta à primeira dama? Uma mulher entende mais a uma outra. Vai ver a esposa do nosso querido Presidente me manda uma resposta rápida? Ela que mantém tantos programas sociais para o povo brasileiro...

— Tá bom minha filha! Se você assim deseja... Mas vou avisando, o presidente é quem decide tudo.

Saía do QG pensativa. Talvez o Major tivesse razão. Um militar, apesar do Exército estar fora do poder, entende mais das coisas do Governo. Insistiria escrevendo ao Presidente da República.

— Que mandinga, poxa vida! Nem com a oração da cabra preta!

— Ai mamãe isso não!

Exclamara impetuosamente o pequeno. Aquilo o assustava. Lembrava da mãe o fazendo dormir com essas estórias apavorantes.

Chegou em casa à tardinha. Ainda na porta pode ver o irmão conversando com a Dona Miné; tomando café no caneco de ágata, tragando ansiosamente o seu Columbia. Para ele estar ali àquela hora, o assunto deveria ser importante. "Meu Deus! Seria o voo da FAB?"

— Gato escondido com o rabo de fora!

— Mana, o teu nome está na lista dos passageiros de um voo para o Norte, na sexta-feira, sete horas, na Base Aérea do Galeão. Você tem dois dias para arrumar tudo. Foi difícil convencer todo mundo, fizeram até uma reunião de parentes para decidir com quem você ficava; como v. mesmo fala: "um cão danado todos a ele," mas tudo foi resolvido; a mamãe mora no bairro de Casa Amarela, a casa é grande e dá pra v. se acomodar com duas crianças. Meu afilhado vai ficar comigo, vou educar e fazer dele um oficial da Aeronáutica.

O mundo desabou aos seus pés, os sonhos foram por água abaixo. Como seria quando o Presidente Juscelino Kubitschek lhe concedesse a casa? Uma lágrima rolou pelo

rostro. Nunca mais teria o seu Rio de Janeiro. Nunca mais desfrutaria do prazer de uma viagem de trem ao subúrbio. Nunca mais a Quinta da Boa Vista. Nunca mais as idas à Praça Onze. Nunca mais as viagens a Paquetá, nem o romantismo dos bondes...

— Barco perdido bem carregado!

Era uma sexta-feira diáfana e quente do ano de 1958. A pista da Base Aérea do Galeão dava a impressão de estar cheia d'água. Lembrava a Av. Presidente Vargas e m

dias de intenso calor sobre o asfalto novo, surpreendendo mulheres e crianças, arrancando-lhes calçados que ficavam presos ao petróleo aquecido. Subiu a escada do avião militar, de soslaio olhavam-na alguns soldados que eram repreendidos por gestos pelos cabos e sargentos.

O águia levantou voo, com ele iam-se os sonhos, o futuro, a felicidade de viver independente no Distrito Federal: a cidade do Rio de Janeiro.

*Escrito em
3 de outubro de 2009.*



Entra linha expressa, sai Maclaren

Nº 19 - Julho / 2011

Hélio Euclides  Elisângela Leite

“Ter uma casinha branca de varanda. Um quintal e uma janela. Para ver o sol nascer”, essa letra de Gilson e Joran, gravada em 1979, resume o desejo de muitos brasileiros até hoje: ter um lar com o mínimo de bem-estar. Esse pensamento não é diferente na localidade conhecida por Maclaren, situada entre a Vila do Pinheiro e o Morro do Timbau. São 31 famílias que vivem em situação improvisada na antiga instalação de uma empresa abandonada. Agora, com a ampliação da Linha Amarela, os moradores serão removidos. Os funcionários da Prefeitura já realizaram o cadastramento das famílias, mas não explicaram o que realmente será feito após a retirada dos moradores.

A Secretaria Municipal de Habitação (SMH) confirmou a previsão de reassentamento. O subprefeito da Zona Norte, André Santos, declarou que os moradores receberão aluguel social, e depois passarão por um cadastro para serem inseridos no programa Minha Casa Minha Vida, porém sem data definida.

Quem vive no local anda ansioso e ao mesmo tempo preocupado. “Que Deus abençoe, que saia logo, só não quero o aluguel, nem Sepetiba e tão pouco Paciência. Tenho medo do aluguel social, pois se não pagarem em dia, para onde eu vou? Quero um espaço perto daqui”, ressalta a moradora que se identificou apenas por Tânia.

As casas foram construídas onde funcionava um estaleiro, que foi desativado após o aterramento do local. “Assim as pessoas ocuparam, começou com 15 famílias e hoje são mais do que o dobro. A previsão é receber o aluguel social e depois uma casa”, conta o presidente da Associação do Morro do Timbau, Osmar Paiva.

A assistente social da Redes de Desenvolvimento da Maré, Alessandra Alves, ressalta que as pessoas devem sair do local para uma condição digna de vida. Ela acompanha uma família da Ma-

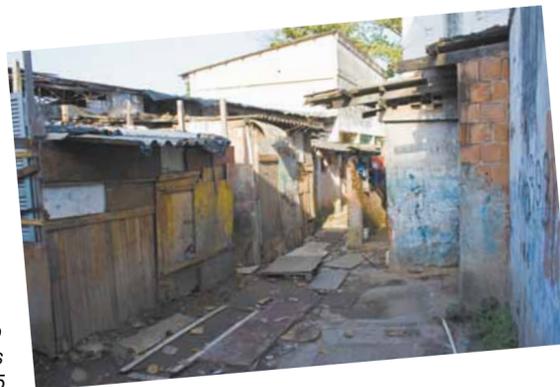


claren desde 2010. “A situação é precária por não ter saneamento básico. Contudo trabalham e a renda vem da reciclagem”, relata.

A incerteza tira o sono dos moradores. “Não podemos falar nada, pois não sabemos do nosso futuro. Até o aluguel social se vier, é bom, é melhor do que viver assim. Já fizeram uns cinco cadastros e nada”, reclama Caroline Vieira.

O administrador da 30ª Região Administrativa (RA), Hildebrando Gonçalves, o Del, diz que, após o cadastramento, todas as questões relativas à remoção foram repassadas para os assistentes sociais do Centro de Referência de Assistência Social (Cras) Nelson Mandela, juntamente com a Subprefeitura da Zona Norte e a SMH.

Procurados pelo *Maré de Notícias*, os responsáveis pelo Cras Nelson Mandela encaminharam a questão para a Secretaria Municipal de Assistência Social que, por sua vez, informou que as ações do órgão só terão início em um segundo momento, após a decisão definitiva de reassentar ou não as famílias.



Remoção por si só é o mesmo que despejo. Já o reassentamento prevê a necessidade de garantia de direitos fundamentais das pessoas atingidas, conforme explica o advogado Cristiano Muller, do Centro pelo Direito à Moradia contra Despejos (COHRE).

O morador que se sentir prejudicado pode procurar o Núcleo de Terras e Habitação da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro.
Telefones: 2232-8266 ou 2232-9517.

espaço BERTO

Envie seu material para comunicacao@redesdamare.org.br
Ou entregue na Redação: R. Sargento Silva Nunes, 1012 Tel: 3104-3276

Tirou uma foto legal?
Fez um desenho alucinante?
Escreveu uma história incrível?
O que você faz pode virar notícia!

Marcílio antes e depois

Quem te viu, quem te vê. Em outubro do ano passado, o *Maré de Notícias* publicou reportagem sobre Marcílio Dias, na seção Comunidades (pág. 5, ed. nº 19), e mostrou a má conservação da sede da Associação de Moradores. Naquela época, entre as muitas batalhas da presidente da entidade, Jupira dos Santos, estava justamente a reforma da sede, que agora ficou pronta, com direito também a novas telhas.

Outra boa notícia já foi anunciada: a reforma da praça da comunidade. O início das obras está previsto para o fim de julho. A Prefeitura ficou de reformar o campo, instalar novos brinquedos e revitalizar os trailers, que serão padronizados. Segundo Jupira, entre as muitas batalhas a serem conquistadas estão o aumento do número de garis comunitários e a reforma do ecoponto da Comlurb.

Para saber mais, dê uma passada na Associação, na Avenida Lobo Júnior, 83.



Primeiro EDI da Maré em funcionamento

O primeiro Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) da Maré começou a funcionar em maio. EDI é o novo modelo da Secretaria Municipal de Educação para o atendimento à primeira infância, que integra creche e pré-escola numa mesma unidade. O prédio da antiga Creche Municipal Pescador Albano Rosa foi totalmente reformado para abrigar o novo espaço. Poderão ser matriculadas crianças de seis meses a cinco anos e meio de idade.

A Prefeitura manteve a homenagem ao pescador Isidoro Duarte do nome do EDI. Com isso, a inauguração do espaço contou com a presença da família do pescador (na foto, ao lado da secretária de Educação, Claudia Costin).

O EDI Pescador Isidoro Duarte fica na Rua Praia de Inhaúma, 39, no Morro do Timbau.

futura SALA FUTURA

Venha conhecer a midiateca do Futura na Maré!

O conteúdo da televisão a serviço da educação e do desenvolvimento local. Essa é a proposta da Sala Futura, que chegou ao Complexo da Maré em outubro do ano passado e, agora, ganha sua nova e definitiva sede na Biblioteca Popular Lima Barreto, situada na Nova Holanda.

O espaço - aberto de segunda a sexta-feira - oferece uma ampla midiateca, com conteúdos gratuitos do acervo do Canal Futura. O objetivo é oferecer aos moradores um material adequado às necessidades locais para fins de estudo, pesquisa, lazer e mobilização social.

Além de consultar os programas e publicações, os visitantes podem ainda fazer downloads para uso externo em escolas e organizações e também utilizar o espaço como ponto de encontro para debates e atividades comunitárias. São mais de 700 programas de diversas séries, como Um Pé de Quê?, Passagem para..., Globo Ciência e Um Palavras, disponíveis para o público. A Sala Futura Futura Maré é uma parceria do Canal Futura com a Redes de Desenvolvimento da Maré. Todo o conteúdo foi selecionado com o apoio de educadores da Redes por terem sido identificados como prioritários para atender às escolas, famílias e moradores da Maré e seu entorno.

Veja alguns exemplos de temas e conteúdos disponíveis na sala:



Exploração sexual de crianças e adolescentes
Série “Que Exploração é essa?” – Em linguagem de teatro de bonecos e cinco episódios, a série retrata a viagem de um caminhoneiro que, ao lado de seu filho, percorre as estradas brasileiras deparando-se com diversas situações de exploração de crianças e adolescentes.

Dança
Série “Danças Brasileiras” – Nesta série cheia de ritmo, pegamos carona com Antonio Nóbrega e Rosane Almeida para mostrar um inventário das danças de todo o país.

Cuidados com crianças
Série “Olha só o perigo!” – A ONG Criança Segura dá dicas de prevenção de acidentes não intencionais com crianças neste interprograma animado.

Leitura
Mundo da Leitura – De uma forma lúdica e divertida, a série envolve crianças e jovens no mundo mágico dos livros e estimula a leitura com muita diversão e aprendizado.

Protagonismo Juvenil
Série Diz aí! – Mostra como jovens brasileiros atuam socialmente em organizações comunitárias e redes da sociedade civil.

Você pode ainda agendar visitas ou ter mais informações pelo telefone (21) 3205-8421

CCDC Maré de portas abertas

Passados 11 anos, alguns moradores ainda não sabem o que este prédio próximo à Praça do 18, na Baixa, oferece à população. No local funciona o Centro Comunitário de Defesa da Cidadania (CCDC), programa vinculado à Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos, que chegou à Maré em dezembro de 1994, pelas mãos do então governador Nilo Batista. Depois de um período de declínio, foi reinaugurado em junho de 2000, um tempo áureo na sua existência. “Precisamos que toda a comunidade usufrua do centro comunitário, estamos de portas abertas. Procuramos a melhoria do espaço, mas a união de todos é fundamental”, pede o coordenador do CCDC Maré, Milton Pereira, conhecido como Menininho.

Os centros prestam gratuitamente os seguintes serviços: certidões de casamento para pessoas que ganham até um salário mínimo; segunda via da carteira de identidade e da certidão de nascimento; busca de registro de nascimento em outros estados; declaração de pobreza; serviço funerário, em parceria com a Santa Casa.



O CCDC Maré fica na Rua Principal, s/n Baixa do Sapateiro.

FOTO: ELISÂNGELA LEITE

Site de serviços da Maré



Os moradores dispõem de mais uma opção na aquisição de produtos: o site

Maré Compras (www.marecompras.com). O projeto nasceu para dar visibilidade ao comércio local e aos trabalhos desempenhados na comunidade. “Estamos começando e já há repercussão positiva. Pensamos em estreitar as localidades”, comenta o gerente e desenvolvedor do site, Itamar Brito.

Acesso à justiça

Moradores da Maré, do Alemão e da Vila Aliança têm até o dia 29 de julho para se inscrever no curso “Mecanismos de Acesso à Justiça e Violência no Contexto Urbano”, que será oferecido gratuitamente, entre os meses de agosto e dezembro deste ano. As aulas serão na Universidade Cândido Mendes (Ucam), na Rua da Assembleia, 10, Centro do Rio, e os alunos receberão vale transporte e lanche.

Quem mora na Maré pode se inscrever na Redes (Rua Sargento Silva Nunes, 1012, Nova Holanda). Basta levar cópia de carteira de Identidade, CPF e comprovante de residência. O curso é uma realização do Centro de Estudos da Cidadania (CEsEC), ligado à Ucam, e da Redes da Maré. Mais informações: 3105-5531.

Afinal, o que é favela?

Artigo de Jailson de Souza e Silva, professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) e coordenador do Observatório de Favelas.



Foto: Adair Aguiar

Quarenta e quatro comunidades do Rio de Janeiro estão sendo formalmente consideradas como ex-favelas. A razão para isso é o fato de esses territórios já contarem com equipamentos e serviços urbanos que os colocariam na condição de bairros. Na relação, encontram-se cinco comunidades da Maré (Baixa do Sapateiro, Parque Maré, Nova Holanda, Parque Rubens Vaz, Parque União e Timbau), onde fica a sede do Observatório de Favelas.

É inegável a competência técnica e a seriedade dos gestores que atuam com a questão urbana na Prefeitura do Rio. Mas não podemos deixar de reconhecer que seus argumentos são pouco precisos, e mesmo equivocados em alguns casos. No caso da Maré, território composto por 16 comunidades, trata-se de um conjunto de favelas globalmente considerado como bairro, por decreto municipal, desde 1994. Portanto, o que se fez agora foi ignorar uma norma existente há mais de 15 anos, e sustentada nos mesmos argumentos, basicamente paisagísticos.

Assim como a resolução de 1994 não mudou a representação da Maré como favela para os seus moradores, nem para os de outras partes da cidade, isso também não deve acontecer agora. Logo, tal mudança de definição é basicamente inócua.

A definição de favela é uma das questões que vêm mobilizando diferentes atores sociais do mundo social urbano há longo tempo. Em função disso, inclusive, foi realizado em 2009 um seminário sobre o tema, a partir de iniciativa do Observatório de Favelas e com patrocínio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Ele reuniu um conjunto de especialistas e lideranças de variadas instituições, do Rio e de outras partes do Brasil, com o objetivo de chegar a uma definição sobre as favelas que permitisse uma melhor caracterização desses territórios da cidade.

Um ponto de acordo para todos os participantes era a rejeição ao termo “aglomerado subnormal” empregado pelo IBGE para definir a favela e espaços assemelhados. O termo, além das óbvias limitações lógicas, pois o órgão não define o que entende por “normal”, é dominado pelo histórico pressuposto da carência e da precariedade urbana

como único elemento definidor desse espaço popular.

Ora, mantendo-se a definição clássica de órgãos como o instituto de pesquisa e a que consta no Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro, não haverá favelas na cidade dentro de pouquíssimos anos. Obviamente, a realidade demonstra que o desejo e a definição não são mais poderosos ou significativos que a realidade.

A definição de uma favela deve ir para além das relações de propriedade originais e o acesso a equipamentos e serviços urbanos. Atualmente, o critério mais valioso, mas longe de ser único, é a capacidade de o poder estatal regular, de forma republicana, a ordem social e o espaço público no território. Quando isso não acontece, significa que aquele território não está completamente integrado à polis como espaço político, cidadão.

Outro critério fundamental, ainda negativo, é o grau de estigma existente em relação ao território e aos seus moradores. Para uma parcela significativa da cidade, o morador da favela é considerado, de forma preconceituosa, um ser dominado por um inato potencial criminoso. Ele é, assim, tido como um cidadão menor, com menos direitos que os outros da cidade, e mais perigoso.

Nada disso foi superado em relação aos moradores das 44 favelas listadas, e de muitas outras que também atingiram um alto grau de acesso a serviços e equipamentos urbanos. Outras características se fazem presente. Acima delas, todavia, consideramos imperiosa a compreensão de que a favela é cidade - uma parte essencial da cidade. E por isso seus moradores devem ter atendidos todos os seus direitos fundamentais.

Com isso, e em função de sua riqueza cultural, da dinâmica experiência de convívio social, da originalidade e da criatividade, a favela não irá “acabar”. Ela se tornará, cada vez mais, um espaço singular e vivo, do qual todo morador da cidade terá orgulho e para a qual olhará de igual para igual, sem estigma, desprezo ou desdém. Isso deve ser o esforço fundamental dos órgãos estatais, da sociedade civil e do conjunto de moradores de nossa cidade. E é para isso que devemos nos empenhar, acima de tudo.



“A favela se tornará, cada vez mais, um espaço singular e vivo, do qual todo morador da cidade terá orgulho e para o qual olhará de igual para igual, sem estigma.”

Apresentado por Vanessa Pascale, o programa infantil Livros Animados transporta o conteúdo de livros para a TV por meio de animações. Parte do projeto A Cor da Cultura, a série privilegia obras relacionadas à mitologia africana e ao cotidiano do negro no Brasil. O objetivo é estimular o hábito de ler e contribuir para o desenvolvimento da consciência multirracial entre as crianças.

Toda segunda às 12h

Sintonize e assista!

www.futura.org.br

www.acordacultura.org.br

Canal 18 UHF – NET canal 32 – SKY canal 8 – Parabólica polarização vertical 20



Não perca esta chance de se perder na leitura

Nesta edição, aproveitamos a reinauguração da biblioteca da Redes para listar os principais espaços de leitura na Maré. Tire um tempo para visitar outros universos através dos livros. E boa leitura!

Biblioteca Vida Real

Há sete anos instalada na Rua Teixeira Ribeiro, a Biblioteca Vida Real disponibiliza mais de 2.000 títulos. Há dois meses, criou uma novidade: uma fábrica de bibliotecas. O objetivo é incentivar que outras instituições formem seus acervos. Assim, além de emprestar, ela recebe doações, podendo, inclusive, buscar os exemplares na casa da pessoa, se necessário.

Onde: Rua Teixeira Ribeiro, nº 575 (sobre a loja de móveis). De segunda a sexta, das 9h às 17h.

Biblioteca Popular Municipal Jorge Amado

Funciona na Lona Cultural Municipal Herbert Vianna, a Lona da Maré. O espaço de leitura nasceu em 2005, e após a reforma da Lona, foi reinaugurado em 10 de novembro de 2010. Tem mais de 5.000 títulos, com destaque para a coleção completa de seu patrono, o escritor Jorge Amado.

Onde: Rua Ivanildo Alves s/n, Nova Maré, de segunda a sexta-feira, das 9h às 15h30.

Biblioteca Comunitária Nelida Piñon

Com o lema 'Universidade do Povo', Geraldo de Oliveira criou o espaço de leitura no Conjunto Marcílio Dias. Com mais de 4.000 títulos, o acervo abrange literatura brasileira e americana. No local também são oferecidos cursos de artesanato, desenho artísticos, informática e supletivo. Além disso, há atendimento jurídico, exame de vista gratuito e montagem e manutenção de microcomputadores. Tem ainda uma explicadora duas vezes por semana, e uma contadora de histórias infantis uma vez por semana. O associado paga R\$ 10 mensais e pode ficar com os livros por até 15 dias. É mantido pelo seu fundador e conta com o apoio do Rotary Mercado São Sebastião. A patrona da biblioteca, a acadêmica Nelida Piñon visitou o espaço pela primeira vez em 11 de maio passado, quando prometeu olhar com carinho para a biblioteca.

Onde: Rua Dalva de Oliveira, 70-a, Marcílio Dias, de segunda a sexta, de 9h às 12h e 14h às 18h; aos sábados, de 8h às 12 e 14 às 17h. Tel: 2584-0523 e 8827-0928; e-mail: bibliotecamare@yahoo.com.br.

Leitura nas Associações de Moradores

Algumas Associações de Moradores da Maré também possuem bibliotecas. Veja a lista abaixo:

Associação de Moradores da Vila do João

Biblioteca Raquel de Queiroz com aproximadamente 2.000 exemplares.

Onde: Rua 14, nº 222 a 224. Aberta de segunda a sexta, das 9h às 17h. Tel.: 3104-9785.

Associação de Moradores da Baixa do Sapateiro

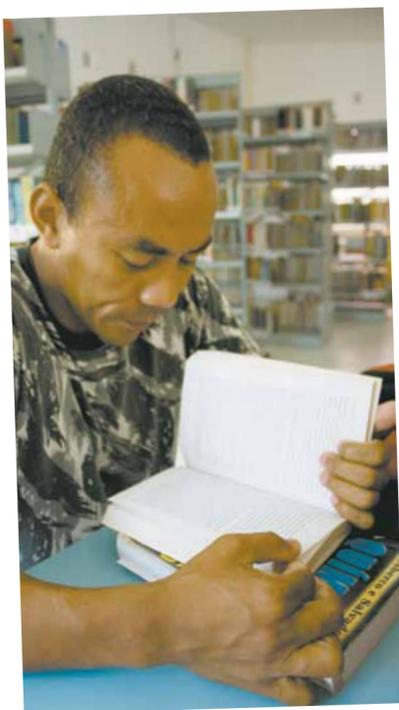
A partir de uma doação da Linha Amarela S/A (Lamsa), a Biblioteca Raquel de Queiroz funciona com 1.000 exemplares.

Onde: Rua Nova Canaã, nº8. De segunda a sexta, de 9h às 17h. Tel.: 2290-1092.

Associação de Moradores do Morro do Timbau

Já no Timbau, existe uma sala de leitura com acervo de 1.000 exemplares, também com o nome de Raquel de Queiroz e apoio da Lamsa.

Onde: Rua dos Caetés, nº131, de segunda a sexta, de 9h às 17h; e aos sábados, de 9h às 12h.



Maré ganha espaço renovado de leitura

BIBLIOTECA LIMA BARRETO
QUER MAIS LEITORES

Hélio Euclides e Rosilene Ricardo
Elisângela Leite

A Biblioteca Comunitária Lima Barreto ficou pronta e foi reinaugurada em 14 de julho com o objetivo de ser um agente potencializador de leitura. "Criamos uma sala somente para o público infantil, um espaço lúdico e mais bonito. Queremos que as crianças se apropriem do local, onde pretendemos formar novos leitores", afirma o diretor da Redes, Edson Diniz.

A biblioteca agora conta com dois pavimentos. No primeiro, está o acervo dedicado ao público infantil, com mais de 1.500 obras, incluindo videoteca, além de espaço para contação de histórias e oficinas de incentivo à leitura. Já o segundo andar, inicialmente com 10 mil obras, é dedicado aos livros didáticos que auxiliarão na formação de jovens e adultos. "O espaço vai acolher a primeira biblioteca infantil da Maré", comemora o bibliotecário Douglas Cordeiro.

Rua Sargento Silva Nunes, 1.012, Nova Holanda (prédio anexo a Redes). Entrada também pela Praça do Valão. Das 8h às 21h30. É uma novidade: a carteirinha da Lima Barreto dará livre acesso a todas as bibliotecas públicas do estado.



Programe-se!

Veja o que rola na programação da Lona da Maré



Informações
lonadamare@gmail.com
3105-6815 / 7871-7692
Facebook: Lona da Maré
Orkut: Lona Cultural da Maré
Twitter: @lonadamare



Todas as oficinas, eventos e shows da Lona da Maré são gratuitos!



CINECLUBE O melhor da produção audiovisual brasileira.

01/07, 18h Documentário "5x favela - agora por nós mesmos" 15/07 e 13/08 20h: Cineclube Vida Curta Curta-metragens: o universo musical brasileiro e etc. 20/08, Sábado 14h às 18h Seminário Cinemaneiro 19h - "Nas Grades" de Rodrigo Malvar.

Eventos

Favela Rock Show
15/07, às 21h
Bandas: Goat Lord, Baga e Warkoholik

Troca-troca do livro
04/08
Biblioteca Jorge Amado

Roda de Samba
07 e 21/08, de 17h às 21h
Com o grupo Nova Raiz.

Sexta às Seis
Toda sexta-feira do mês, às 18h
Inaugurando espaço para mostra de artistas locais e de convidados - palco livre, bar e outras manifestações artísticas.

Contação de histórias
09/08, às 10h
Na Biblioteca Jorge Amado

Favela Rock Show
13/08

Tarde Musical
19/08, às 14h
Na Biblioteca Jorge Amado

Sambabom
19/08, às 18h
Grupo Kina Mutebua (capoeira com as danças afro e contemporânea)

Favela Rock Clássicos
27/08

Bandas Teachers On The Rock e Aversão Clássicos de Beatles, Eric Clapton/Cream, Deep Purple, Pearl Jam entre outros

Oficinas

Construção de Instrumentos Musicais
2^{as} de 9 às 11h e 3^{as} de 12h às 14h
A partir de 10 anos

Teatro
3^{as} e 5^{as} das 15h às 17h
A partir de 12 anos

Artes Circenses
2^{as} e 4^{as} das 14 às 16h

Maracatu
4^{as} e 6^{as} das 10 às 11h30 e de 11h30 às 13h

Cavaco
Sábados a partir das 11h

Violão
Sábados a partir das 12h

Canto
Sábados a partir das 13h

Gastronomia
4^{as} e 5^{as} de 8h30 às 11h30 e de 13h às 16h



Lona Cultural Herbert Viana - R. Ivanildo Alves, s/n - Nova Maré
Visite nossa página: www.lonadamare.blogspot.com
Redes da Maré - R. Sargento Silva Nunes, 1012 - Nova Holanda

Estatuto da Criança e do Adolescente faz 21 anos

Nº 19 - Julho / 2011

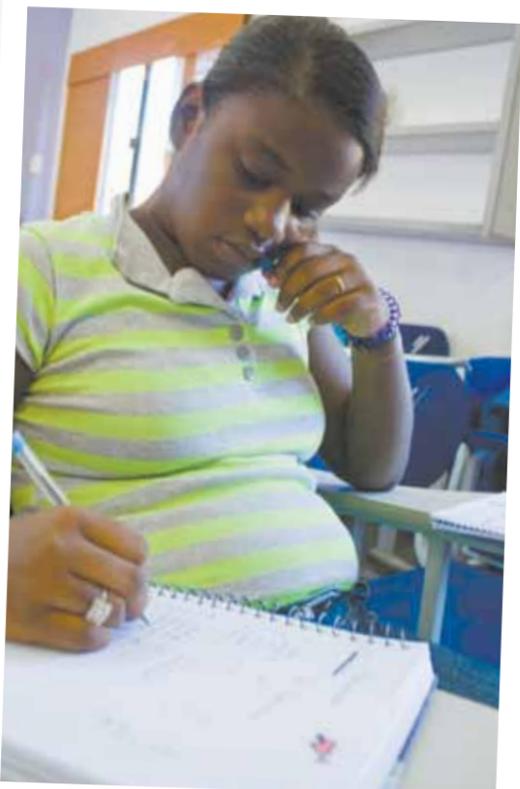
“Toda criança tem o direito e o dever de ser criança”. Partindo deste princípio, foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que neste mês de julho completa 21 anos. O documento coloca uma série de obrigações ao Estado, à sociedade e às famílias, com o objetivo de criar uma rede de proteção à criança e ao adolescente no Brasil.

Estão assegurados à criança e ao adolescente o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Fique atento! Para a efetivação dessas metas foram criados instrumentos democráticos, como os conselhos tutelares.

Para celebrar os 21 anos do ECA, preparamos um ensaio fotográfico especial!



Elisângela Leite



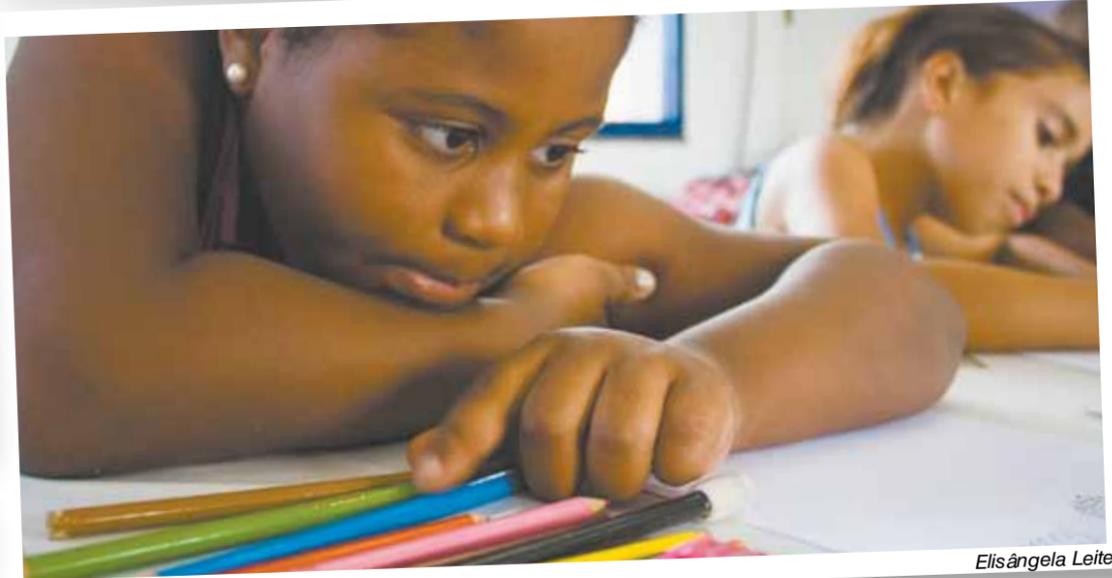
Elisângela Leite



Elisângela Leite



Elisângela Leite



Elisângela Leite



Rosilene Milliotti



Elisângela Leite